

I

Pintem-me uma pequena estação de caminho-de-ferro a essa hora, dez minutos antes de escurecer. Para lá do cais vêem-se as águas do rio Wekonsett, que reflectem uma melancólica luz crepuscular. A arquitectura da estação é curiosamente informal, monótona mas não austera, e faz lembrar uma pérgula, uma vivenda rústica ou uma casa de Verão, embora isto seja um clima de Invernos rígidos. Os lampiões ao longo do cais luzem com uma tristeza quase palpável. O cenário, de certa forma, parece ser o âmago da questão. Viajamos quase sempre de avião, no entanto, tudo indica que o espírito do nosso país continuou a ser o de um país de ferrovias. Acordamos numa carruagem-cama às três da manhã, numa cidade cujo nome desconhecemos e que talvez nunca cheguemos a descobrir. No cais está um homem com uma criança às cavalitas. Estão a acenar a um qualquer viajante, mas o que faz a criança levantada a uma hora tão tardia, e porque chora o homem? Numa linha de desvio, do outro lado do cais, encontra-se uma carruagem-restaurante, onde um criado de mesa está fazendo as contas, sentado a uma mesa sozinho. Por trás dela vê-se a torre de um depósito de água, e mais além uma rua bem iluminada e vazia. Pensamos então, com uma sensação de felicidade, que este é o nosso país — único, misterioso e vasto. Não temos sensações dessas em aviões, aeroportos ou comboios de outros países.

Um comboio chega, um passageiro sai, e um agente imobiliário chamado Hazzard está à sua espera, pois quem senão ele para conhecer a idade exacta, as acomodações, o valor e o conforto das casas da cidade. «Seja bem-vindo a Bullet Park. Esperamos que lhe agrade o suficiente para que venha juntar-se a nós.» Acontece que o Sr. Hazzard não vive em Bullet Park. O seu nome, tal como os de todos

os outros agentes imobiliários autorizados, está pregado nos troncos das árvores, nos lotes que se encontram vagos, mas ele dirige o seu negócio num pequeno escritório da aldeia vizinha. O estranho deixou a mulher no Hotel Plaza, a ver televisão. Parece-lhe que a procura de abrigo continua a fazer-se a um nível quase primordial. Nos dias que correm, os preços estão altos e nada corresponde exactamente ao que uma pessoa quer. A pintura surrada e os objectos abandonados por anteriores proprietários parecem tão vivos e a exigir tanta atenção como as roupas e a papelada que temos de seleccionar quando morre alguém na família. A casa ou o apartamento que ele procura, sabe-o bem, deverá ter aparecido pelo menos duas vezes nos seus sonhos. Quando tudo estiver terminado, quando os jardins já estiverem plantados e a mobília arrumada, os incómodos da deslocação terão desaparecido; mas esta noite a maldita lembrança de viagens e migrações corre-lhe nas veias. As pessoas de Bullet Park não querem que se pense que um dia chegaram lá, mas sim que foram ali plantadas e ali cresceram, o que, obviamente, não era verdade. Barafunda, furgões de mudanças, empréstimos bancários a juros elevados, lágrimas e desespero eram características comuns à maior parte das chegadas e partidas.

«Aqui é o nosso centro comercial», diz Hazzard. «Temos planos de toda a espécie para o melhorar. Além é Powder Hill», prossegue Hazzard, fazendo um gesto de cabeça na direcção de uma colina iluminada, à direita de ambos. «Há lá uma propriedade que gostaria de lhe mostrar. O preço que pedem é cinquenta e sete mil. Cinco quartos de cama, três casas de banho...» As luzes de Powder Hill tremeluziam, as chaminés fumegavam e um forro do assento de uma sanita, em pelúcia cor-de-rosa, voou de um estendal de roupa. Visto de uma distância improvável por qualquer adolescente zeloso e vingativo que percorresse o campo de golfe, o pedaço de pelúcia pareceria ser o *imprimatur*, o galardão, a acolada e a insígnia de Powder Hill, atrás da qual marchavam, com os seus sapatos ingleses apertados, as legiões de permutadores de esposas, molestadores de judeus e bêbedos brigões espiritualmente arruinados. Ora, raios os partam a todos, pensou o adolescente. Raios partam as luzes brilhantes junto das quais ninguém lê, raios partam a música contínua que ninguém ouve, raios partam os pianos de cauda que ninguém sabe tocar, raios partam as casas brancas hipotecadas até aos algerozes, raios os partam por saquearem o mar para apanharem os peixes com que alimentam as

martas, cujas peles usam, e raios partam as suas estantes em que repousa um único livro — uma cópia da lista telefónica, encadernada em brocado cor-de-rosa. Raios partam a sua hipocrisia, raios partam o seu jargão, raios partam os seus cartões de crédito, raios partam o seu desprezo pela indomabilidade do espírito humano, raios partam a sua lascívia e raios os partam acima de tudo por terem depurado a vida daquela força, daquele fedor, da cor e do entusiasmo que lhe dão sentido. Raios, raios, raios.

Mas o adolescente, como sempre acontece com os adolescentes, estaria enganado. Veja-se os Wickwires, por exemplo, em frente de cuja casa branca (preço de revenda estimado: \$65.000) Hazzard e o viajante passavam nesse momento. Se os hábitos sociais de Powder Hill mereciam ser atacados pelo adolescente, os Wickwires seriam um alvo excelente. Eram encantadores, eram brilhantes, eram incandescentes, e a sua agenda de compromissos estava inteiramente preenchida, desde o Dia do Trabalhador até ao 4 de Julho. Eram literalmente assistentes sociais — celebrantes de serviço religioso — que usavam o seu encanto e o seu brilho para fazer com que tudo corresse bem a nível social. Eram pessoas que compreendiam que *cocktails* e jantares na hora e lugar apropriados eram tão importantes para o bem-estar da comunidade como a reunião política secreta da aldeia, o corpo docente da escola e os serviços municipais. Para uma comunidade que tinha tão poucos altares — quatro, para ser exacto — e nenhum deles sacrificial, eles pareciam, como celebrantes sérios e dedicados, ter improvisado um altar sacrificial sobre o qual tinham literalmente depositado alguma carne e sangue. Estavam constantemente a cair pelas escadas abaixo, a bater contra as arestas afiadas do mobiliário e a enfiar os carros em valas. Quando chegavam a uma festa, apresentavam-se impecavelmente vestidos, mas ela levava o braço direito ao peito. Ele amparava uma perna manca com a ajuda de uma bengala de castão de ouro e usava óculos escuros. Ela torcera o braço numa queda. Ele tinha partido a perna no Inverno, e os óculos escuros eram para esconder um olho pisado que exibia os comoventes tons vermelhos e roxos da Lua de um final de Inverno, enterrada em nuvens e observada por algum jovem suspiroso e confuso. O seu brilho não era afectado por essas enfermidades. Com efeito, quase sempre apareciam com um braço ou uma mão ao peito, uma extremidade enfaixada em ligaduras, um emplastro visível em qualquer parte.

O seu brilhantismo, o seu fervor como celebrantes, é sério. Depois de qualquer fim-de-semana normal em que tenham almoçado e jantado fora três dias seguidos, a seriedade do seu papel pode avaliar-se melhor quando a luz de segunda-feira de manhã os ilumina enquanto dormem. Quando o despertador toca, ele confunde-o com o telefone. Como os filhos estão longe, no colégio, conclui que um deles está doente ou em apuros. Quando percebe que é o despertador e não o telefone, senta-se na cama e põe os pés no chão. Lamenta-se. Pragueja. Põe-se em pé. Sente-se um homem oco, mas que só recentemente foi estripado e que se lembra de como era ter uma barrigada de vísceras e órgãos cheios de vida. Ela choraminga com dores e cobre a cara com uma almofada. Sentindo-se uma cavidade dorida, ele atravessa o corredor até à casa de banho. Olhando para a sua imagem no espelho, dá um grito forte de terror e aversão. Tem os olhos vermelhos, o rosto marcado por rugas, o seu cabelo claro parece toscamente pintado. Por um instante possui o curioso poder de ser capaz de meter medo a si próprio. Passa água pela cara e apara a barba. Isto esgota-lhe as energias e atravessa de novo o corredor em direcção ao quarto, diz que apanhará outro comboio mais tarde, volta para a cama e cobre a cara com os cobertores para apagar a manhã. Ela choraminga e grita. Depois sai da cama, com a camisa de dormir erguida no gracioso transeiro. Vai à casa de banho, mas fecha os olhos ao passar pelo espelho. De volta à cama, cobre a cara com uma almofada, e ali ficam os dois a gemer ruidosamente. Então, ele chega-se para o lado dela e entregam-se a uma extenuante faina de amor que os ocupa durante vinte minutos e deixa ambos com uma terrível dor de cabeça. Ele já perdeu o das 8:11, o das 8:22 e o das 8:30. «Café», diz ele entre dentes, e mais uma vez sai da cama. Desce à cozinha. Ao entrar nela solta outro grito de angústia, quando vê as garrafas vazias na prateleira junto ao lava-loiça.

Estão ali alinhadas, como os deuses num qualquer panteão do remorso. Parecem ter a intenção de o obrigar a pôr-se de joelhos e de espremer dele uma oração. «Garrafas, ó garrafas, mui piedosas garrafas vazias, tenham piedade de mim, em atenção a Jack Daniels and Seagram Distillers.» O seu imutável vazio dá-lhes um ar cruel e de censura. Os seus rótulos — uísque escocês, gin e *bourbon* — são fezozes como demónios chineses, mas ele tem a sensação clara de que, se tentasse aplacá-las com uma genuflexão, elas seriam impiedosas. Deita-as para um cesto do lixo, mas isso não põe fim à força delas.

Põe água ao lume e, tacteando a parede como um cego, regressa ao quarto, onde ouve os gritos de dor da mulher. «Oh, quem me dera morrer», grita ela, «quem me dera morrer.» «Vá lá, querida, vá lá», diz ele em voz entaramelada. «Vá lá, vá lá.» Prepara um fato limpo, uma camisa, uma gravata e uns sapatos, e depois volta outra vez para a cama e tapa a cara com os cobertores. Já falta pouco para as nove e o quintal está inundado de luz. Ouvem o autocarro escolar à esquina, a buzinar para chamar o garoto dos Marsden. A semana deu início ao seu esplêndido cortejo de dias. A chaleira começa a apitar.

Ele levanta-se pela terceira vez, regressa à cozinha e faz café. Traz uma chávena para ambos. Ela levanta-se da cama, lava a cara sem a ver e depois volta para a cama. Ele veste a roupa interior e volta também para a cama. Na hora que se segue levantam-se e deitam-se, entram e saem do quarto, lutando para reencontrar o ritmo das coisas, e por fim ele veste-se, e, atormentado por vertigens, melancolia, náuseas e erecções intermitentes, entra no seu Getsémani¹ — o das 10:48 da manhã de segunda-feira.

Não havia vestígios de hipocrisia nas manhãs de segunda-feira dos Wickwires, e o mesmo se pode dizer do adolescente.

O estranho podia observar que o sítio parece muito sossegado; é como se se tivessem afastado dos sons das regiões ermas — gaiotas, comboios, gritos de dor e de amor, coisas a ranger, marteladas, fogo de artilharia —, nem sequer uma criança a praticar piano nesta zona de acústica asséptica. Passam pelos Howestons (7 quartos, 5 casas de banho, \$65.000) e pelos Welchers (3 quartos, 1 casa de banho e meia, \$31.000). O vento faz voar através do feixe de luz do farol do carro algumas folhas de ulmeiro amarelas, um cartão de crédito, rodela de batatas fritas, talões de compras, cheques e cinzas. Haverá canções para este sítio?, talvez se interrogasse o estranho; e há. Canções cantadas a crianças e por crianças, canções para cozinhar, canções para se despirem, canções da água, canções eclesiásticas sem qualidade (A Vossos pés lançamos as nossas coroas), madrigais, canções folclóricas e um pouco de música nativa. O Sr. Elmsford (6 quartos de cama, 3 casas de banho, \$53.000) sacode o pó do seu saltério cheio de manchas, algo que ele nunca dominou, e canta: «Hotchkiss, Yale, um casamento apático, três filhos e vinte e três anos na Universal Tuffa Corporation. Oh, porque estou eu tão desiludido», canta ele, «por que razão parece que tudo passou por mim sem eu dar por isso?» Há um movimento apressado em direcção à porta antes que ele comece o